

OPINIÃO DOS DOCENTES DA ESALD SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DO ENSINO POR VIA REMOTA, DEVIDO À PANDEMIA COVID-19

ESALD'S TEACHERS OPINION ABOUT IMPLEMENTATION OF REMOTE TEACHING, DUE TO THE COVID-19 PANDEMIC

Autor

Carlos Maia - Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias | Age.Comm-Comunidades Envelhecidas Funcionais, Instituto Politécnico de Castelo Branco, PhD

Centro de execução do trabalho

Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Conflitos de interesse

O autor declara a não existência de conflitos de interesse na realização do estudo

Fontes de Financiamento

Não existiu qualquer fonte de financiamento de contribuição para a realização do estudo

Contacto do autor responsável

carlosmaia@ipcb.pt

Tipo de artigo

Artigo de Investigação

Resumo

O estado de emergência, decretado devido à pandemia de Covid-19, conduziu à suspensão das atividades presenciais nas instituições de ensino superior, obrigando os docentes a aderir ao ensino por via remota, através da utilização de metodologias digitais.

Objetivo

Conhecer a opinião dos docentes da Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias sobre o ensino por via remota.

Materiais e Métodos

Estudo quantitativo, descritivo, com uma amostra não probabilística, por conveniência, constituída por 36 docentes que, voluntariamente, aceitaram responder a um inquérito online, através do Google Forms.

Resultados Principais

A maior parte dos docentes, 72,2%, considerou ter preparação adequada (muito bem, bem ou razoavelmente preparados) para a utilização das metodologias digitais. Ainda assim, 75% dos participantes considerou ter necessidade de formação.

Conclusão

O ensino por via remota, através das metodologias digitais, passou a ser uma alternativa para mais docentes, mas não substitui a presença física e a interação pessoal em sala de aula, fatores fundamentais no processo ensino-aprendizagem. A maioria dos docentes considerou ter necessidades de formação nesta área.

Palavras chave

Covid-19 (C01.925.782.600.550.200); Estado de Emergência (SP8.946.117.118); Ensino Remoto (SP2.021.167.010.090.030)

Abstract

The state of emergency due to Covid-19 pandemic caused the suspension of face-to-face activities at higher education institutions, forcing some professors to adopt new methodologies through remote education.

Objective

To describe the perceptions of the Higher School of Health Dr. Lopes Dias teachers about the implementation of remote teaching.

Materials and Methods

Quantitative and descriptive study formed by a non-probabilistic sample, for convenience of 36 teachers who voluntarily agreed to respond to an online survey, through Google Forms.

Main Results

The majority of the teachers, about 72,2% considered that they were adequately prepared (very well, well or reasonably prepared) to use digital methodologies. However, 75% of them considered that they needed training.

Conclusion

Remote learning through digital technologies, has become an alternative for more teachers, but does not replace physical presence and classroom personal interaction that are important factors in the teaching-learning process. The majority of teachers consider that they need to acquire knowledge in digital methodologies.

Keywords

Covid-19 (C01.925.782.600.550.200); State of emergency (SP8.946.117.118), Remote Teaching (SP2.021.167.010.090.030)

Introdução

No início de 2020, a necessidade de conter a expansão da pandemia de Covid-19 levou à declaração do estado de emergência em Portugal. A suspensão parcial do exercício de alguns direitos, e as medidas restritivas implementadas, por parte do governo, conduziram a alterações profundas no funcionamento de quase todos os setores de atividade.

A necessidade imperiosa de cumprimento das regras de “distância” e de “isolamento”, determinou a suspensão repentina de atividades presenciais em vários setores, incluindo o ensino superior, tendo sido decidido o encerramento temporário das próprias instituições.

Esta situação, nova para todos, obrigou à implementação de diferentes metodologias, no sentido de dar continuidade ao acompanhamento dos alunos na sua formação, com grande parte dos docentes a aderirem, alguns pela primeira vez, ao ensino por via remota, através de aplicativos e plataformas digitais.

De acordo com Hodges (2020, p.6), o ensino por via remota consiste numa “mudança temporária para um modo de ensino alternativo devido a circunstâncias de crise”, em que se transpõem para os meios digitais as atividades planeadas para ensino presencial. Não deve confundir-se com o conceito de *e-learning*, que pressupõe a existência de recursos e de conteúdos elaborados e adaptados especificamente para este tipo de ensino e aprendizagem, contando ainda com docentes devidamente habilitados para o modelo pedagógico virtual.

Aquilo que, até ao início da pandemia, tinha sido uma opção, passou a ser a única opção, impondo aos docentes novos desafios à sua praxis (Rondini, 2020). O ensino presencial, quase sempre circunscrito a um espaço partilhado, e baseado na interação física entre o professor e os alunos, deu lugar ao ensino por via remota, com a mediação didático-pedagógica a ocorrer através de recursos tecnológicos, de forma síncrona ou assíncrona.

Estas alterações abruptas exigiram aos docentes, para além da disponibilidade de recursos tecnológicos e aptidão para os dominar ou, pelo menos, manusear eficazmente, uma rápida adaptação dos conteúdos a lecionar, das metodologias de ensino, assim como das metodologias de avaliação. Mas exigiu, também, uma capacidade didática e motivação acrescidas para conduzir, e dinamizar, uma “sala digital” (Martins, 2020).

Perante este contexto, decidimos conhecer a opinião dos docentes da Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias (ESALD) sobre o ensino por via remota, durante o período em que, face à pandemia Covid-19, se optou pelo modelo de ensino não presencial.

Materiais e Métodos

Estudo quantitativo, descritivo. Amostra não probabilística, por conveniência, constituída por 36 docentes (31% do corpo docente a tempo integral e tempo parcial) que, voluntariamente, aceitaram responder a um inquérito online, através do Google Forms. O inquérito, constituído por 20 questões com respostas de escolha múltipla e 2 perguntas abertas sobre as vantagens e desvantagens da utilização das metodologias digitais (tabela 1), esteve disponível entre 20 de março e 17 de abril de 2020.

Tabela 1 – Variáveis em estudo

Género	Competências adquiridas/desenvolvidas
Feminino	Disciplina
Masculino	Planeamento
Grupo etário (em anos)	Autonomia
31-36	Proatividade
37-42	Domínio das ferramentas tecnológicas
43-48	Nenhuma
49-54	Frequência de contacto c/ os alunos
55-60	Aumentou ligeiramente
> 60	Manteve-se
Habilitações académicas	Reduziu ligeiramente
Licenciatura	Reduziu bastante
Mestrado	Qualidade do processo ensino/aprendizagem
Doutoramento	Melhorou bastante
Anos de lecionação no ensino superior	Melhorou pouco
[0 – 6[Manteve-se
[6 – 12[Piorou pouco
[12 – 18[Piorou bastante
[18 – 24[Realizou avaliação em plataformas digitais
[24 – 30[Sim
[30 – 36]	Não
Equipamentos disponíveis	Avaliação em plataformas digitais
Computador individual	Beneficiou os alunos
Computador partilhado	Nem prejudicou nem beneficiou
Telemóvel	Prejudicou os alunos
Impressora	Satisfação c/ metodologias digitais
Formação nos últimos 5 anos em metodologias digitais	Maior do que c/ atividades presenciais
Sim	Igual à das atividades presenciais
Não	Menor do que c/ atividades presenciais
Grau de preparação	Satisfação c/ o processo ensino/aprendizagem
Muito bem preparado	Muito satisfeito
Bem preparado	Satisfeito
Razoavelmente preparado	Nem satisfeito nem insatisfeito
Mal preparado	Insatisfeito
Muito mal preparado	A Instituição disponibilizou informação
Tipo de atividades	Sim
Atividades síncronas	Não
Atividades assíncronas	Como classifica essa informação
Ambas	Extremamente útil
Grau de interesse pelas atividades	Muito útil
Maior que pelas atividades presenciais	Indiferente
Igual às atividades presenciais	Pouco útil
Menor que pelas atividades presenciais	Necessidade de formação em metodologias digitais
Volume de trabalho	Sim
Aumentou grandemente	Não
Aumentou pouco	
Manteve-se	
Reduziu pouco	

A parte inicial do inquérito contém uma explicação sobre o estudo e o objetivo a atingir. Só após os docentes darem o seu consentimento, é possível passar à secção das perguntas. Em nenhuma parte, é possível identificar os respondentes, estando garantido o anonimato. Considerando que o estudo não configura uma investigação clínica, nem tem como objetivo verificar fatores, processos ou resultados em saúde, não foi submetido a parecer prévio da Comissão de Ética.

Como forma de validação, o inquérito foi submetido inicialmente a um pré-teste, tendo sido distribuído a cinco docentes, que não integraram os respondentes finais. Dessa aplicação não houve necessidade de alterar a redação de qualquer pergunta, pelo que se considerou a versão final.

Resultados

Participaram no estudo 36 docentes, sendo 21 do género feminino (58,3%), 12 pertencentes ao grupo etário 55-60 anos (33,3%) e 17 detentores do grau de doutor (47,2%). Há 9 docentes (25%) que lecionam entre os 12 e os 18 anos no ensino superior e, também 9 (25%), entre os 30 e 36 anos. Dos inquiridos, 35 (97,2%) têm computador para uso individual e 24 (66,7%) não fizeram formação sobre metodologias digitais nos últimos cinco anos. Considera-se muito bem preparado 1 (2,8%), bem preparados 8 (22,2%) e razoavelmente preparados 17 (47,2%) para a utilização de metodologias digitais, tendo 16 (44,4%) optado pelas atividades síncronas, enquanto 17 (47,2%) optaram por atividades síncronas e assíncronas.

O interesse pelas atividades ministradas no modelo

não presencial, foi igual para 16 docentes (44,4%), comparativamente com as atividades presenciais, e menor também para 16 (44,4%), tendo 21 (58,3%) considerado que o volume de trabalho aumentou grandemente com a adesão às novas metodologias. A principal competência adquirida/desenvolvida, para 31 docentes (86,1%), foi o domínio das ferramentas tecnológicas.

Para 13 docentes (36,1%), a frequência de contacto com os alunos manteve-se, enquanto para 11 (30,6%) aumentou ligeiramente, comparativamente com o que estava previsto caso as atividades fossem presenciais. A qualidade do processo ensino/aprendizagem não sofreu alterações para 13 docentes (36,1%), enquanto que para 12 (33,3%) piorou pouco, e para 6 (16,7%) piorou muito.

A avaliação foi realizada por via digital por 31 docentes (86,1%), tendo 21 (67,7%) considerado que os alunos não são beneficiados nem prejudicados com a avaliação por esta via, enquanto 9 (29%) consideraram que os alunos são beneficiados. Quanto à satisfação dos docentes, 22 (61,1%) manifestaram-se menos satisfeitos com as atividades baseadas em metodologias digitais do que com as atividades presenciais e 17 (47,2%) satisfeitos com o processo ensino/aprendizagem.

Para 32 docentes (88,9%), a instituição disponibilizou informação técnica específica sobre a utilização de plataformas, informação considerada extremamente útil por 3 (9,4%) e muito útil por 17 (53,1%). Dos docentes, 27 (75%) consideraram ter necessidade de fazer formação sobre metodologias digitais.

Tabela 2 – Resultados

Género		
Feminino	21	58,3
Masculino	15	41,7
Grupo etário (em anos)		
31-36	4	11,1
37-42	3	8,3
43-48	6	16,7
49-54	6	16,7
55-60	12	33,3
> 60	5	13,9
Habilitações académicas		
Licenciatura	6	16,7
Mestrado	13	36,1
Doutoramento	17	47,2
Anos de lecionação no ensino superior		
[0 – 6[6	16,7
[6 – 12[5	13,8
[12 – 18[9	25,0
[18 – 24[6	16,7
[24 – 30[1	2,8
[30 – 36[9	25,0
Equipamentos disponíveis		
Computador individual	35	97,2
Computador partilhado	4	11,1
Telemóvel	20	55,6
Impressora	10	27,8
Formação nos últimos 5 anos em metodologias digitais		
Sim	12	33,3
Não	24	66,7
Grau de preparação		
Muito bem preparado	1	2,8
Bem preparado	8	22,2
Razoavelmente preparado	17	47,2
Mal preparado	9	25,0
Muito mal preparado	1	2,8
Tipo de atividades		
Atividades síncronas	16	44,4
Atividades assíncronas	6	16,7
Ambas	17	47,2
Grau de interesse pelas atividades		
Maior que pelas atividades presenciais	4	11,2
Igual às atividades presenciais	16	44,4
Menor que pelas atividades presenciais	16	44,4
Volume de trabalho		
Aumentou grandemente	21	58,3
Aumentou pouco	10	27,8
Manteve-se	4	11,1
Reduziu pouco	1	2,8

Competências adquiridas/desenvolvidas		
Disciplina	5	13,9
Planeamento	12	33,3
Autonomia	15	41,7
Proatividade	17	47,2
Domínio das ferramentas tecnológicas	31	86,1
Nenhuma	1	2,8
Frequência de contacto c/ os alunos		
Aumentou ligeiramente	11	30,6
Manteve-se	13	36,1
Reduziu ligeiramente	10	27,8
Reduziu bastante	2	5,6
Qualidade do processo ensino/aprendizagem		
Melhorou bastante	1	2,8
Melhorou pouco	4	11,1
Manteve-se	13	36,1
Piorou pouco	12	33,3
Piorou bastante	6	16,7
Realizou avaliação em plataformas digitais		
Sim	31	86,1
Não	5	13,9
Avaliação em plataformas digitais		
Beneficiou os alunos	9	29
Nem prejudicou nem beneficiou	21	67,7
Prejudicou os alunos	1	3,3
Satisfação c/ metodologias digitais		
Maior do que c/ atividades presenciais	1	2,8
Igual à das atividades presenciais	13	36,1
Menor do que c/ atividades presenciais	22	61,1
Satisfação c/ o processo ensino/aprendizagem		
Muito satisfeito	4	11,1
Satisfeito	17	47,2
Nem satisfeito nem insatisfeito	5	13,9
Insatisfeito	10	27,8
A Instituição disponibilizou informação		
Sim	32	88,9
Não	4	11,1
Como classifica essa informação		
Extremamente útil	3	9,4
Muito útil	17	53,1
Indiferente	4	12,5
Pouco útil	8	25
Necessidade de formação em metodologias digitais		
Sim	27	75,0
Não	9	25,0

Ao analisar as vantagens e desvantagens, apontadas pelos docentes, sobre as metodologias digitais, verificou-se que a vantagem mais referida é a economia

de tempo, enquanto a desvantagem é a diminuição de interação docente/aluno.

Tabela 3 – Vantagens e desvantagens apontadas pelos docentes

Vantagens	Desvantagens
Evitar deslocações	A menor interação docente-aluno.
Ganho de tempo em deslocações	Não haver contacto físico essencial ao ser humano
Flexibilidade de tempo e de espaço. Redução do tempo em transportes que pode ser aproveitado em pesquisa e estudo.	Não estar mesmo com as pessoas
Aproveitar melhor o tempo, que perdia na viagem, 5 horas num dia de trabalho.	A falta de contacto físico e social
As atividades assíncronas permitem uma melhor gestão do tempo	Falta de proximidade entre professor aluno
Diminuição da pegada carbónica, maior autonomia dos alunos	A falta de interação próxima com os estudantes
Superar a distância física e outros constrangimentos	Relação docente/estudante
Serem úteis para situações de exceção, como a que vivemos.	O afastamento dos alunos
Tornar o acesso ao conhecimento mais amplo, sem depender de um espaço físico presencial.	Não ser presencial
Capacidade de os estudantes estarem nas suas residências.	Fraca e limitada interação com estudantes
Maior versatilidade nas metodologias	A componente relacional está comprometida
Permitir uma interação com os discentes em situações como a atual	Mais difícil a participação dos alunos
Mostra que mesmo sem presença física as componentes letivas podem ser ministradas	Nem todos têm os meios necessários a um acesso igualitário.
Comodidade	Mais tempo despendido na preparação do conteúdo
Uma alternativa ao ensino presencial em casos de urgência	Deficiente ou ineficaz controle dos alunos, na participação das aulas
Podermos garantir a participação de todos os estudantes	Impessoal
Poder estar disponível/desenvolver a minha atividade profissional, fora da estrutura física da escola	Falta de autonomia com estas tecnologias, de alguns alunos.
É mais um recurso no processo de ensino e aprendizagem	Perda de contacto visual.
Permitir a continuidade do ensino	Participação dos estudantes é menos ativa.
Puder usar mais recursos digitais	Apesar da interação com os alunos lecionar com o vídeo, não é o mesmo que estar em aula.
Maior pesquisa científica por parte dos alunos	Não ser presencial
Não existe	Falta de conhecimentos por parte dos docentes e discentes
Adquirir competências nas áreas	O ambiente não é ecológico e pode implementar algumas distâncias e dificuldades
Maior competência no seu domínio	Metodologias de avaliação (testes) não asseguram a 100% que o discente não copia.
Aproximação Estudante/Docente	Não ter horário de trabalho, ou seja, muito mais horas de trabalho.
Cumprimento do calendário letivo	A interação aluno professor e professor aluno sai prejudicada
Capacidade de planeamento	Incompatibilidade com determinadas aulas práticas
Nas aulas laboratoriais (práticas) não vejo vantagens.	Falta de contacto com os alunos e os alunos com os colegas
	Acesso e recursos materiais
	Aulas práticas

Discussão

A esmagadora maioria dos docentes não frequentou qualquer ação de formação sobre metodologias digitais nos últimos cinco anos, pelo que a transição para o ensino por via remota decorreu em função da dedicação individual de cada um, o que poderá justificar o aumento do volume de trabalho, referido por 86,1% dos docentes. Este aumento de trabalho pode ter sido agravado pela necessidade de se

manter a conexão online de forma quase ininterrupta, e de “mais tempo despendido na preparação de conteúdos” o que levou alguns docentes a apontar como uma desvantagem “não ter horário de trabalho, ou seja, muito mais trabalho”. Também no estudo de Saraiva et al. (2020, p.18) se verificou que “a responsabilização dos professores tende a fortalecer a intensificação e a autointensificação do trabalho aumentando a exaustão docente. Há um difícil equilíbrio entre continuar as atividades letivas

e administrar o momento atual que tem gerado stresse e ansiedade”.

Foram referidas algumas dificuldades como “a falta de conhecimentos por parte dos docentes e discentes” e “a falta de autonomia com estas tecnologias”, como um entrave à rápida adaptação à nova metodologia de ensino, tal como se havia concluído no estudo efetuado por Rondini (2020).

As vantagens apontadas de poder “gerir melhor o tempo” e de “permitir a continuidade do ensino” devido à “versatilidade das metodologias” não superam a desvantagem da “falta da interação docente-aluno”, o que compromete “a componente relacional”, considerada um pilar do processo de aprendizagem. Segundo Coll e Monereo (2010) a incorporação de recursos tecnológicos, só por si, não transforma os processos educacionais, mas modifica os contextos e as relações entre os atores, e os próprios conteúdos de aprendizagem.

A maioria dos docentes manifestou-se menos satisfeito com as atividades baseadas em metodologias digitais do que com as atividades presenciais, e o grau de interesse por estas atividades também não aumentou, tal como no estudo de Rondini (2020), em que 56,4% dos participantes declararam que as aulas não se tornaram mais interessantes com os recursos tecnológicos utilizados durante a pandemia.

Apesar de 69,4% dos docentes se ter considerado bem preparado, e razoavelmente preparado, para o ensino não presencial, a diversidade de vantagens e desvantagens apontadas, demonstra que os docentes se sentem com diferentes níveis de preparação para lidar com as tecnologias por via remota. Daí haver uma manifestação clara da necessidade de formação nesta área, o que significa que, para além da preparação científica e pedagógica, o docente sente necessidade de preparação técnica, que lhe permita utilizar de forma adequada os recursos disponíveis. Estes dados estão de acordo com o estudo de Frizon (2015), onde se concluiu que o redimensionamento da sociedade, provocado pelas tecnologias digitais, passa pela reavaliação do papel do professor e pelo reforço da sua formação nesta área, cada vez mais determinante para ajudar a concretizar, com sucesso, os processos de ensino-aprendizagem. Também o estudo de Duarte (2020) concluiu que é nítida a necessidade de se investir mais na formação docente no que se refere à utilização das TIC para que esses recursos façam parte do cotidiano de ensino.

Recomenda-se a realização de outros estudos, mais abrangentes, sobre a influência do ensino por via remota na aprendizagem, uma vez que o presente apresenta limitações que devem ser tidas em conta na análise dos resultados. Para além da amostra ser não probabilística, e circunscrita à ESALD, o estudo é descritivo. Aconselha-se a realização de um estudo correlacional, sobre este tema tão vasto e importante, que inclua docentes de todas as escolas do IPCB, com uma amostra mais vasta, selecionada aleatoriamente, e com a inclusão de outros fatores, de que se destaca as condições de que os alunos dispõem, seja de acesso à rede, seja de condição de realização das atividades, assim como a opinião dos alunos sobre o processo ensino/aprendizagem por esta via.

Conclusão

A pandemia potenciou a transposição para os meios digitais das atividades previstas para o ensino presencial. A opinião dos docentes sobre o ensino por via remota é favorável e, apesar de constituir um desafio, a experiência vivenciada permite que, no futuro, passe a ser equacionado como alternativa em outras situações, e por mais docentes, do que antes da crise pandémica, mesmo quando se retornar à presença física em sala de aula.

No entanto, ficou claro que a presença, as relações interpessoais, e a interação física, que caracterizam o ambiente na sala de aula, são fatores insubstituíveis no processo ensino-aprendizagem. A maioria dos docentes sente necessidade de formação em metodologias digitais.

Referências Bibliográficas

Castaman, A. S.; Rodrigues, R. A. Educação a Distância na crise COVID - 19: um relato de experiência. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 6, 2020..

Coll, C.; Monereo, C. (2010). Educação e Aprendizagem no século XXI: novas ferramentas, novos cenários, novas finalidades. In Coll, C.; Monereo, C. (org.), *Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação* (p. 15-46). Porto Alegre: Artmed.

Duarte, K. A.; Medeiros L. (2020). Desafios dos docentes: as dificuldades da mediação pedagógica no ensino remoto emergencial. Online). Disponível em:<<http://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/68292>>. Acesso em 03.03.2021.

França Filho, A. L., da França Antunes, C., & Couto, M. A. C. (2020). Alguns apontamentos para uma crítica da EAD na educação brasileira em tempos de pandemia. *Revista Tamoios*, 16(1)

Frizon, V., Lazzari, M.B., Schwabenland, F., Tibolla, F.R.C. (2015). Formação de Professores, complexidade e trabalho docente. III Seminário Internacional de Representações Sociais. Pontifícia Universidade Católica, Paraná

Hodges, C., Moore, S., Lockee, B., Trust, T., & Bond, A. (2020). The difference between emergency remote teaching and online learning. *Educause review*, 27, 1-12.

Lefèvre, F., & Lefevre, A. M. C. (2005). Depoimentos e discursos: uma proposta de análise em pesquisa social. In Depoimentos e discursos: uma proposta de análise em pesquisa social (pp. 97-97). Martins, R. X. (2020). A covid-19 e o fim da educação a distância: um ensaio. Em *Rede-Revista de Educação a Distância*, 7(1), 242-256.

Oliveira, H. D. V., & de Souza, F. S. (2020). Do conteúdo programático ao sistema de avaliação: reflexões educacionais em tempos de pandemia (COVID-19). *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, 2(5), 15-24.

Rondini, C. A., Pedro, K. M., & Duarte, C. dos S. (2020). Pandemia do covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na prática docente. *Interfaces Científicas - Educação*, 10(1), 41-57. <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v10n1p41-57>

Saraiva, K., Traversini, C. S., & Lockmann, K. (2020). A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. *Práxis educativa*. Ponta Grossa, PR. Vol. 15, e2016289, p. 1-24.